

O ARTILHEIRO

«Oratória em forma de farsa trágica encomendada a um artilheiro ao Sol em 10 cenas» de ANTONIO JÚLIO VALARINHO. Prémio da Secretaria de Estado da Cultura-1978/79. Publicada em 1980. Inédita em palco.

[...]

Cena única em dois planos. No primeiro plano: a esplanada de uma cervejaria; uma pista de exercícios militares com arame farpado, corda, bonecos de trapo para exercícios de baioneta calada, etc. No segundo plano: uma tribuna num praticável, rodeada por dois canhões, com bandeiras e festões. A esplanada e a pista militar são ligadas por uma avenida coberta de detritos.

Uma velha trapeira e o neto, que puxa um carro, percorrem as ruas a apanhar papel e outros desperdícios. Na esplanada de uma cervejaria, o Coronel e o Brigadeiro bebem, falam de negócios e de brejeirices, evocam a guerra colonial. Simultaneamente, no passado, o Capitão comanda exercícios militares e castiga os inocentes. A velha trapeira vai visitar um outro neto, recruta do Capitão, enquanto na esplanada o Coronel e o Brigadeiro continuam a beber e a recordar. E a brincar com Luís, o empregado da cervejaria. Joaquim, o outro neto da velha trapeira, morre em exercícios de fogos reais, atingido por uma granada. A Avó, acompanhada pela filha e pelo neto mais novo, avista-se com o Coronel e com o Brigadeiro, que continuam a beber e a contar anedotas. Eles interessam-se pela mulher mais jovem, mãe de Joaquim, a quem estão dispostos a ajudar a troco dos favores do costume. A guerra rebenta. A Velha vocifera. Os tanques esmagam tudo e todos. Só o Rapaz escapa. Desenha no chão um enorme Sol e pergunta: «Sol! Quem matou meu pai, meu irmão, minha avó e minha mãe?».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 148.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.